



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO
CAMPUS SAÚDE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

VANDERLEIA DA SILVA

**A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO
POPULAR**

Juazeiro do Norte
2019

VANDERLEIA DA SILVA

**A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO
POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Campus Saúde, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física, Artigo Científico.

Orientador: Prof. Me. José de Caldas Simões Neto.

Juazeiro do Norte
2019

VANDERLEIA DA SILVA

A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Campus Saúde, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. José de Caldas Simões Neto
Orientador
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

Prof. Me. Lucielton Mascarenhas
Examinador
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

Prof^a. Esp. Maria Leciana da Silva
Examinadora
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

Juazeiro do Norte
2019

Dedico esse meu trabalho a minha mãe e meu pai, por sempre acreditar em que eu seria capaz de vencer, mais uma vez, e por sempre me incentivar a não desistir do meu sonho, também, a toda a minha família, por sempre me dar força nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar sabedoria, meus pais por sempre me motivar a nunca desistir do meu futuro, meus irmãos em me proporcionar resistência, ao meu orientador, José de Caldas Simões Neto, por ter uma grande competência; por estar sempre me auxiliando em cada tópico do trabalho, aos amigos de classe e toda minha família por acreditarem em meu potencial.

A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Vanderleia da Silva¹
José de Caldas Simões Neto²

RESUMO

Patrimônio é um fenômeno de preservação e conservação de determinados bens, que podem ser materiais ou imateriais, e estes estão intimamente ligados a história, estática e originalidade do qual foram oriundos. O bem da cultura imaterial vem trazendo as relações dos seus hábitos, os comportamentos e costumes aos seus grupos sociais. Nessa perspectiva, buscamos como objetivo perceber a dança do coco como bem imaterial da cultura popular em uma comunidade quilombola. Por meio de uma abordagem qualitativa e descritiva a partir da observação, em busca de descrever a complexidade da realidade social. Foram realizadas visitas na comunidade, durante apresentações destinadas a prática da dança do coco, abertas ao público geral no território quilombola. Na visita foram realizadas filmagens e fotografias da manifestação cultural no espaço do terreiro da comunidade destinados às práticas culturais e festivas. E foi observado que a dança é reconhecida pela comunidade como uma estratégia de ensinamento para as novas gerações que percebem a dança como prática permanente, e que vai além do saber e do conhecimento em sua prática pois ela está associada a seus ritos, história e ancestralidade da comunidade.

Palavras-chave: Dança do Coco. Patrimônio. Educação.

ABSTRACT

Patrimony is a phenomenon of preservation and conservation of certain goods, which may be material or immaterial, and these are closely linked to the history, static and originality from which they originated. The good of immaterial culture comes bringing the relations of their habits, behaviors and customs association to their social groups. In these perspectives, we aim to perceive the coconut dance as an intangible good of popular culture in a quilombola community. Through a qualitative and descriptive approach from observation, in seeking to describe the complexity of social reality. Visits were made in the community, during presentations destined to practice the coconut dance, open to the general public in the quilombola territory. During the visit were filming and photographs of the cultural manifestation in the space of the community terreiro destined to cultural and festive practices. And it has been observed that dance is recognized by the community as a teaching strategy for the new generations, who perceive dance as a permanent practice, and that goes beyond knowledge and knowledge in its practice, it is associated in its rites, ancestry of the community.

Keywords: Coconut Dance. Patrimony. Education.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. E-mail:vanderleyasilva51@gmail.com

² Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. E-mail: josecaldas@leaosampaio.edu.br.

INTRODUÇÃO

O fenômeno de preservação e conservação de determinados bens, é reconhecido como patrimônio, e esse pode ser classificado em bem material ou imaterial, em que estão intimamente ligada à história, estática e originalidade do qual foi oriundo. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que é o responsável pelo registro, preservação e conservação, reconheceu que os artefatos, museus, sítios arqueológicos, núcleos urbanos entre outros monumentos de natureza concreta são os bens materiais, já as práticas de conhecimento, as expressões, os objetos e lugares a eles associados, são os bens imateriais (SILVA, 2014).

Para que existissem as políticas de preservação para esses bens, foi necessário o seu tombamento pelo IPHAN, e que por sua vez o reconhecimento legal do valor cultural de um bem, e assim esses bens são chamados de patrimônios da humanidade. Porém, para isso é necessário que a população mantenha e o reconheça esse bem como sua cultura (IPHAN, 2006).

A dança do coco tem sua origem na África, em que os africanos trouxeram a própria dança com os negros escravizadas no período do Brasil colônia. A dança do coco foi ao longo dos tempos, recebendo de outros povos, como os indígenas elementos e se modificando para resistir nessa nova terra, com tantas interferências e opressão dos brancos colonizadores (DOS ANJOS, 2005).

Os povos africanos que chegaram em nossa região têm origem das regiões da Alta e Baixa Guiné, atual Serra Leoa, Senegal, Guiné-Bissau e Gâmbia, em que foram trazidos para as regiões de produção de açúcar em Pernambuco, Bahia, Maranhão no século XVI. Já no século XVII o tráfico dos negros tem origem da Costa de Angola, atualmente Angola, Gabão e Guiné Equatorial. E foram direcionados para os estados, especialmente para Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e Centro Sul e alguns para as províncias do Grão Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte (DOS ANJOS, 2005).

No ano de 1695 e 1696 chegaram à região do Cariri, grande quantidade de negros vindos das cidades de Florestas e Belo Jardim do Estado de Pernambuco, onde obtiveram sua cultura e exerceram sua força de Trabalho nos engenhos, colheita do cafezal e na criação bovina. Instalaram-se na Chapada do Araripe, e ali foram plantando seus valores culturais e perpetuando sua história de geração em

geração. Hoje as comunidades quilombolas já são reconhecidas pela Fundação Cultural dos Palmares como remanescente das comunidades dos quilombolas.

A dança do coco, de origem indígena e africana, tem sua história relatada por quilombolas, em que os dizem que essa dança foi trazida para o Brasil através do seu próprio povo, os escravos; e que mais tarde sofreu modificações, com a inclusão de culturas diferentes como a indígena e a chegada do homem branco (DOS ANJOS, 2005).

O coco sempre sofreu discriminação pelos meios de comunicação das classes dominantes da sociedade, por ter ligação com as camadas oprimidas e marginalizadas. Assim, a difusão e a manutenção da dança do coco como expressão cultural, são resultadas unicamente da resistência e luta do seu povo (TOSCANO, 2012).

A Constituição Federal Brasileira traz em seu texto os direitos à preservação da identidade cultural de grupos remanescentes de quilombos, além do direito às terras ocupadas por gerações as quais foram contrárias ao regime escravocrata. O artigo 215 prevê que cabe ao Estado proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, além de apoiar os grupos participantes do processo civilizatório nacional. E no artigo 68 entende-se que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

O decreto nº 4.887 de 2003 trata da regulamentação e dos procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. No seu art. 2º o decreto assegura como remanescentes de quilombos os “[...] grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Assim, esses territórios ocupados pelas comunidades têm objetivo de garantia para esse povo em sua reprodução física, social, econômica e cultural (BRASIL, 2003).

O mapeamento das comunidades negras e quilombolas do Cariri, tem o propósito de identificar e documentar as histórias das comunidades e para que as elas sejam reconhecidas como membros atuantes na sociedade. Segundo dados de relatórios de regularização de territórios quilombolas do INCRA, existem 1.532

processos no Brasil e 30 processos abertos no estado do Ceará para reconhecimento dos territórios das comunidades quilombolas. O processo de reconhecimento da comunidade em estudo teve início em 2006 e encontra-se em aberto. Atualmente o relatório apresenta 104 Portarias publicadas, totalizando 376.273,4583 hectares reconhecidos em benefício de 10.634 famílias no Brasil (INCRA, 2016).

É nessa batalha e enfrentamento que a mestre conquista passou a maior parte de sua vida, em busca de dar valor a sua arte histórica ao longo dos tempos e das gerações. Repassando para as novas gerações, a contribuição dessa arte para as conquistas e reconhecimentos do povo negro nas suas comunidades quilombolas. Como podemos ver na história do artista Jackson do Pandeiro, célebre do coco, teve sua carreira influenciada por sua mãe durante as rodas de cocos, em que tocava zabumba. Após sua morte e até hoje o seu talento é desprezado pela mídia, apesar de ser uma referência nacional para diversos artistas, porém, as leis de incentivo à cultura ainda hoje, não tem valorizado o coco como nas ações e projetos (TOSCANO, 2012).

O objetivo da pesquisa foi descrever as manifestações referentes à dança do coco em uma comunidade quilombola da região do Cariri cearense. Com esse intuito de valorizar a dança do coco como bem imaterial da cultura popular, e como forma de ressignificação das crenças, ancestralidades, memória do povo remanescente quilombolas e como ferramenta da cultura popular.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse estudo, buscou como linha metodológica a abordagem qualitativa descritiva a partir da observação, por entendermos que foi a abordagem com a melhor forma em descrever a complexidade da realidade social, auxiliando-nos na dinâmica de compreensão dos processos experienciados durante as visitas na comunidade, em que Oliveira (1999, p. 117) “apresenta contribuições para o processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e possibilita, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos”.

A observação do cotidiano da comunidade se deu, principalmente, durante as apresentações destinadas a prática da dança do coco, durante as manifestações culturais abertas ao público geral no território quilombola. Nas visitas foram

realizadas filmagens e fotografias da manifestação cultural nos espaços do terreiro da comunidade destinados as práticas culturais e festivas.

A população do estudo foi realizada com os brincantes da dança do coco em uma comunidade quilombola. E uma entrevista com uma mestra conquista, por sua respectiva história está aprofundada na cultura da comunidade. Para os critérios de inclusão tiveram os seguintes itens: a) ser remanescente quilombola na comunidade; b) participar das manifestações culturais da dança do coco. E como critérios de exclusão: a) residir fora da comunidade.

Todos os participantes foram informados dos procedimentos a serem adotados na pesquisa. Após aprovação e aceite da metodologia empregada aos participantes, eles foram orientados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em acordo com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO) para apreciação e aprovado com o parecer nº. 3.175.497.

No dia do evento foi realizada observações dos participantes/brincantes e mestres conquistas presentes para coleta de dados sobre a utilização da dança como ferramenta educacional da cultura popular. Foram, também, realizados registros fotográficos e filmagens como forma de coleta de dados para análise qualitativa das expressões e sentimentos dos brincantes.

Foram analisados os dados a partir das falas e registro fotográficos, na visualização das ações dos grupos na comunidade, como forma de manutenção e valorização da educação popular, onde observou a metodologia utilizada pelos mestres para transmitir a dança do coco para as novas gerações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dança do coco teve sua origem vinculada diretamente com a escravização do povo negro. Em que ao retornar das atividades árduas do trabalho, reuniam-se ao som das palmas e tambores nas senzalas, e entoavam as emboladas, cantadas e junto com o ritmo da batida dos pés, dançando como forma de alegrar-se e esquecer todo o sofrimento e injustiça vivido em que eram submetidos (DOS ANJOS, 2005). Justificando para a comunidade ter por muito tempo ficado restrito e fechado, pois, antes só moradores e poucas pessoas das comunidades mais próximas ao território tinha o privilégio de ver e participar destas expressões do seu

povo, ficando o restante da população e o poder público omissos à participação e prática de sua cultura e da dança do coco.

Imagem 01: Mestre conquista estocando os cantos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Ao passar dos anos, as práticas culturais foram diminuindo na comunidade, e houve um tempo em que se pensou que fosse desaparecer, por diversos motivos, como: muitos membros foram estudar e morar na zona urbana e os quilombolas mais idosos e mestres desta manifestação cultural e as expressões transmitidas de geração para geração não estavam mais garantindo a sua continuidade na comunidade. A comunidade quilombola passou também por alguns conflitos sociais como a população em geral da cidade, para continuar com os eventos e representações de sua cultura, falava-se que “o povo da cidade”, não admiravam quilombolas, afastando e dificultando ainda mais para que os remanescentes se reconhecessem quanto quilombolas.

O trabalho de resgate da cultura e dignidade do povo quilombola e da dança do coco se deu com o apoio do Departamento Municipal de Cultura e Desporto e pela Secretaria do Trabalho e Ação Social do município, com parceria com os Retratores da Memória – REMOP e da Associação de Assistência à Família, que veem realizando atividades de resgate e a valorização cultural nas comunidades,

além de acolhimento das famílias da comunidade quilombola e dos seus filhos que residem da Zona Urbana, como do foco principal nas crianças de 7 a 12 anos, que são convidadas a participar do projeto “Fortalecendo a rede de atenção à criança”, ação que é apoiada pelo fundo das Nações para a Infância (UNICEF) e financiado pela organização das Nações Unidas para a Educação, ciência e cultura (UNESCO).

Imagem 02: Instrumentos



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Assim o município passou a ser reconhecido em todo o estado pelas suas expressões de apoio à preservação da cultura com os resgates dos antepassados que viveram em suas localidades. E a dança foi um dos meios em que a população quilombola iniciou suas batalhas de reconquista e valorização de suas origens, desenvolvendo, agora, na cultura da cidade e região, atividades ligadas a cultura africana (MUNANGA; KABENGELE, 2003).

A dança do coco está presente em todos os espaços em que as pessoas quilombolas estão. Apresenta os ritmos com facilidade e sobre a sua origem africana. Os musicais apresentados da dança do coco, os ritos a São Gonçalo e o reisado estabelecem as lembranças e recordações do povo negro para o seu pertencimento, além de estabelecer a cultura da dança são apresentados outros

trabalhos como, o pilão, a casa de farinha e com dos principais requisitos na colheita do pequi na região (SILVA, 2014).

Imagem 03: A dança do coco, pelar comunidade quilombola.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A dança do coco foi com muito sacrifício passada pelas gerações; essa cultura da população quilombola na comunidade foi guiada por uma mestra conquista que levava a dança adiante por conta da sua personalidade, cheia de força, coragem e fé. E mesmo tendo o desenvolvimento da dança do coco como forma de transmitir os seus saberes, não somente para o remanescentes quilombolas, mas para toda a população em geral (DOS ANJOS, 2005).

A dança foi uma forma muito beneficiada, com a inclusão de todas as idades o coco não tem especificidade em ser praticada, sendo realizada com crianças, jovens, adultos, idosos, e com tudo isso foi muito relevante, por adquirir uma boa harmonia da população quilombola com os demais habitantes da cidade. A comunidade também apresenta muitas formas dos atos de fé, que na Umbanda é representada falando com Iemanjá, a religião candomblé, culto africano que se tornou afro-brasileiro, em que essas são as crenças pelo qual o povo quilombola em sua maioria convicções.

Imagem 04: Altar com as imagens das representações Religiosas.



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

A dança sempre tem suas entidades de como conhecer, de como ser ensinada, o coco era um ritmo não conhecido por muito, e através de comunicações, demonstrações e apresentações, foram criando alterações na forma de observação da sociedade para a cultura afro que é somente possível ser analisada a gestualidade, os modos e costumes com que as corporalidades e as práticas corporais se expressam, levando em consideração a experiência de ser quilombola, de pertencer a uma comunidade remanescente de quilombo (SILVA; FALCÃO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança do coco na comunidade quilombola é uma forma de resistência do povo negro, em que a partir dela foi possível manter viva a sua cultura e ancestralidade e ainda auxiliar nas conquistas da comunidade pelo seu reconhecimento frente à sociedade.

A dança é utilização como estratégia de ensinamento para as novas gerações, tendo o apoio de todos e todas da comunidade em especial os representantes mais velhos, no desenvolvimento coletivo, que percebem a dança

como prática permanente, e que vai além do saber e do conhecimento em sua prática, ela está associada em seus ritos e festejos, como forma de agradecimentos na comunidade.

A comunidade apresenta uma ligação direta com os saberes e as habilidades corporais da dança, em que trazem a alegria para seu povo, pois a dança do coco é demonstrada e praticada com grande orgulho na sociedade em geral cujas manifestações do seu povo são representadas pela população quilombola não apenas como uma arte, mas como um tom de ser e sentir na dança a sua origem.

A dança do coco pode ser percebida como recurso, para expressão as lutas, vitórias, as dificuldades e o preconceito vivido pelo seu povo a sua chegada no Brasil. E vem como um ensinamento, tendo na educação popular a oportunidade, para crianças, jovens, adultos e os idosos quilombolas ou não, em reconhecer a sua história e origem, assim permanecerem vivas em suas representações e símbolos, que refletem a resistência de todos que lutaram, e ainda lutam, para construir um futuro melhor para a comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Fundação Cultural Dos Palmares. Quadro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos de 2004 à 2014.** 2014. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/crqs/lista-das-crqs-certificadas-ate-27-11-2014.pdf>. Acesso em: 11 maio 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>. Acesso em: 15 maio de 2018.

CORIOLOANO, L, M, T. (org.) **O que é turismo comunitário?** In: _____. **Turismo, território e conflitos imobiliários.** Fortaleza: EdUEC, 2012.

DOS ANJOS, R. S. A. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil:** primeira configuração espacial. 3. ed. Brasília: Mapas Editora e Consultoria, 2005.

GRUNEC. **Grupo de valorização negra do Cariri.** Disponível em <http://gruneccariri.blogspot.com/>. Acesso em 18 mai. 2018.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária **Quadro Atual da Política De Regularização de Territórios Quilombolas.** 2016 Disponível em: <http://www.incra.gov.br/tree/info/file/8797>. Acesso em: 16 ago de 2018.

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Samba de Roda do Recôncavo Baiano.** Brasília, Brasil, 2006.

MENESES, José Newton Coelho. **História & turismo cultural.** E-book, Autêntica, 2013.

MESQUITA, Adriana Sofia Clemente. **Turismo Cultural nas comunidades rurais: o caso de Macieira de Alcôba.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania.** Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica- SP. 2003.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

PAES, Maria Tereza Duarte. Patrimônio cultural, turismo e identidades territoriais: um olhar geográfico. **Turismo de base comunitária–diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Ed. Letra e Imagem, p. 162-176, 2009.

PALMARES. Fundação Cultural. **Certidões Expedidas Às Comunidades Remanescentes De Quilombos (CRQs).** Atualizada até a portaria nº 122/2018,

publicada no DOU de 26/04/2018. Disponível em:
http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 Acesso em: 15 jul. 2018.

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Práticas corporais na experiência quilombola: um estudo com comunidades do estado de Goiás/Brasil. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 1, 2012.

SILVA, Chrisner Moniele Avelino da. **A dança do coco de roda e de zambê enquanto elemento do turismo cultural do RN**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

SILVA, S. D M. **O Ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba**. 2011. Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95549>. Acesso em 15 de mai. 2018.

TOSCANO, Fernanda. Coco de roda: origem e resistência. **Jornal A Verdade**, 19 de Abril de 2012. Disponível em: averdade.org.br/2012/04/coco-de-roda-origem-e-resistencia Acesso em: 11 mai 2018.

APÉNDICES

QUESTIONÁRIO

NOME:

IDADE:

SEXO:

1. Há quanto tempo mora na comunidade?
2. Há quanto tempo a dança do coco é vivenciada na comunidade?
3. Como é repassado a dança do coco para as novas gerações na comunidade?
4. Qual a importância da dança do coco como resgates histórico para a comunidade?
5. A comunidade sofreu interferência de outras culturas?
6. Quais os desafios que a comunidade tem em relação a prática da dança do coco?
7. A dança do como é vista como uma forma de educação na comunidade?
8. Quais os elementos essenciais para a prática da dança do coco?
9. Atualmente quantos grupos e quantos brincante tem na comunidade participante da dança do coco?
10. Quais a idades dos participantes?
11. Em que data ou momentos são realizadas a dança do coco na comunidade?
12. Além de apresentações na comunidade, é feita outras apresentações fora?
13. Existem parceiros e/ou apoio para estímulo para dança do coco na comunidade?
Quem são esses parceiros?
14. Se a dança do coco deixar de existir o que isso pode causar na comunidade?
15. O que é preciso para que a dança do coco possa ser ainda mais visualizada e valorizada?

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a)

José de Caldas Simões Neto, CPF 035696783-26 do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio está realizando a pesquisa intitulada “A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO POPULAR”, que tem como objetivo geral descrever as manifestações referente a dança do coco em uma comunidade quilombola da região do cariri cearense. Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: responder um questionário sobre a dança do coco como bem imaterial e ferramenta para a educação popular. A sua participação consistirá em responder um questionário sobre a temática do estudo e demonstrar a prática da dança do coco.

A importância maior dessa pesquisa é compreender as manifestações na dança do coco, em que ela pode desenvolver e expressar opiniões críticas ou sugestões, diante os resultados, e oportunizar a comunidade a melhorar, e descrever pontos positivos no desenvolvimento da dança.

Os riscos para presente pesquisa são mínimos, como vergonha e constrangimento de dançar com a presença dos pesquisadores e medo em expor sua cultura para pessoas de fora da comunidade. Os riscos serão minimizados com a não intervenção e/ou manifestação dos pesquisadores em nenhum momento da apresentação da dança, bem como manter um distanciamento dos brincantes, além de aproximação para conversa com autorização do mestre conquista e acompanhamento dos profissional de assistência social que já fazem o trabalho de assistência as famílias para tirar as dúvidas durante qualquer momento da presença dos pesquisados na comunidade.

Toda informação que o(a) Sr.(a) nos fornece será utilizada somente para esta pesquisa. Os dados dos questionários serão confidenciais e o seu nome não aparecerão em fichas de avaliação, inclusive quando os resultados forem apresentados. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu José de Caldas Simões Neto serei o responsável pelo encaminhamento ao núcleo de assistência social coparticipante para atendimento e/ou encaminhamento especializado.

A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso o(a) Sr(a). aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a formação. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar José de Caldas Simões Neto – Rua Fernando José, 505, bairro Monsenhor Murilo em Juazeiro do Norte – Ceará, Telefone (88) 9-96197636 nos seguintes horários 08:00hs às 14:00hs.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio localizado à Av. Leão Sampaio km 3 - Lagoa Seca - Juazeiro do Norte - CE - CEP 63040-005, Fone 2101-1050. Caso esteja de acordo na participação da pesquisa, deve preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-Esclarecido que se segue, recebendo uma cópia do mesmo.

_____, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do Pesquisador

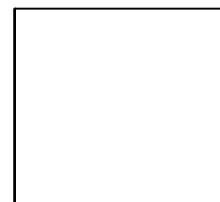
TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu _____, portador(a) do Cadastro de Pessoa Física (CPF) _____, declaro que, após leitura minuciosa do TCLE, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente da pesquisa “A DANÇA DO COCO: BEM IMATERIAL COMO FERRAMENTA DA EDUCAÇÃO POPULAR”, assinando o presente documento em duas vias de igual teor e valor.

_____, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante ou Representante legal



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador